

Juvenal Galeno: Romântico e Folclorista

ANTÔNIO SÉRGIO PONTES AGUIAR *

“... porque o bom Deus assim o quis, assim o fadou o poeta”¹

Nascido em Fortaleza em 1836, Juvenal Galeno, com apenas 19 anos, é enviado pelo pai ao Sul para que observasse os métodos de cultivo do café a fim de torná-lo seu sucessor nos negócios da família. Ao visitar a capital do país, ficou na casa de Paula Brito, tipógrafo cuja residência, freqüentada assiduamente por homens de letras, encantou o jovem cearense, que logo travou contato com Machado de Assis e Quintino Bocaiúva, publicando seus primeiros versos na *Marmota Fluminense*. Ao retornar à sua terra natal, trás consigo dois exemplares de sua primeira obra, fruto da reunião dos versos publicados no Rio, “Prelúdios Poéticos” (1859). O Ceará conhece seu primeiro poeta.

Portador de longa existência, Juvenal Galeno viveu até seus 94 anos (1836-1831). Seu tempo de vida coincide com um tempo de profundas transformações na sociedade cearense de fins do século XIX e início do XX. O *boom* algodoeiro dos anos 60 impulsionará a cidade de Fortaleza a que se insira nas vias do progresso, remodelando a planta da cidade, criando abrigos públicos, fomentando um comportamento distinto nas elites e favorecendo o crescimento comercial da cidade, que se tornará, na esteira desse processo, principal centro urbano econômico, financeiro e social do Ceará, suplantando Aracati que até então auferia essa posição. Nesse ambiente circunscrito, a produção literária de Galeno adquirirá forte cunho social, sobretudo no que diz respeito à crítica ao pensamento provinciano das elites locais, à ideologia do progresso e ao descaso das autoridades públicas (que tomam as rédeas desse progresso),

* Mestrando em História Social da Cultura pela Pontifca Universidade Católica – RJ, bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (Cnpq).

¹ Memórias de Juvenal Galeno.

recorrendo ao uso da sátira para desvelar uma sociedade atravessada por contradições sociais, econômicas e morais.

Consoante a essa expansão urbana e econômica, surgem várias entidades e agremiações de cunho científico e literário (Academia Francesa de 1872, a Escola Popular de 1874, o Gabinete Cearense de Leitura de 1875, o Clube Literário de 1886, a Padaria Espiritual de 1892, o Centro Literário de 1894 e o Instituto do Ceará de 1887), fomentando um clima intelectual sem precedentes. Apesar de possuir um escasso público leitor, o Ceará contará com a presença de jovens literatos empenhados em circular suas idéias e produções, seja por meio de periódicos e pequenas edições de livros, folhetins e saraus literários.

Nesse sentido, compreender esse ambiente de efervescência cultural pelo qual passava o Ceará é fundamental para entendermos o perfil do intelectual Juvenal Galeno e seu engajamento a favor das letras cearenses. O poeta teve intensa atuação nas entidades científicas e literárias da época, mencionadas acima, sobretudo na fundação do Instituto do Ceará de 1887. Em 1895 foi homenageado como Padeiro-Mor pelos literatos da Padaria Espiritual. Colaborou ativamente em vários periódicos da época, como em *O Libertador* e na revista *A Quinzena* (pertencente ao Clube Literário), frutos do movimento abolicionista no Ceará em 1880. A revista literária, filosófica, científica e comercial *A Fortaleza*, também contou em seus quadros de colaboradores com a figura de Juvenal Galeno. Esteve nos quadros de honra da Academia Cearense de Letras quando de seu surgimento.

A proposta de pesquisa que se segue visa problematizar os aspectos românticos e folcloristas de Galeno, bem como seu conseqüente engajamento, que permeiam toda a sua obra, com destaque para “*Lendas e Canções Populares*” (1865).

- “*Viva a pátria! A liberdade!*
Viva o livre cidadão!
- *Ai, Rosa, não me supliques,*
Que não vá para a eleição...
Pois não vês ovante o crime?
Pois não sentes a opressão?...” (...)

*“Não vês o povo curvado,
Sob o tributo a gemer?
Sem direitos... perseguido
No seu humilde viver?
Dizem que o voto hoje é livre...
Que pode o voto vencer!” (...)*

*“Ai, Rosa, bem me dizias...
Não é do povo a eleição!
Triunfou a fôrça bruta...
Gemo agora na prisão!
Eis como é livre este império...
Como é livre o cidadão!”*

(GALENO, 1978 [1865]: 109)

O poema acima, intitulado “O Voto Livre”, trás a pequena história do eleitor que, reivindicando o exercício da cidadania plena, sai no dia da eleição a fim de exercer sua liberdade de voto. Porém, ao chegar ao pleito, deparou-se com as armas da corrupção e manipulação dos poderosos, findando o pobre eleitor na cadeia por defender seu direito de votar. E, ao narrar em verso a triste história de um inconformado com a opressão, Galeno, pela voz de sua personagem, conclui ironicamente: “Como é livre o cidadão!”.

“O Voto Livre” faz parte de uma série de poemas reunidos em sua obra-prima “Lendas e Canções Populares”, publicada em 1865, e alargada em 1892. Em seu conhecido prólogo, o poeta afirma

Reproduzindo, ampliando e publicando as lendas e canções do povo brasileiro, tive por fim representá-lo tal qual ele é na sua vida íntima e política, ao mesmo tempo doutrinando-o e guiando-o por entre as facções que retalham o império, - pugnando pela liberdade e reabilitação moral da pátria, encarada por diversos lados, - em tudo servindo-me da toada de suas cantigas, de sua linguagem, imagens e algumas vezes seus próprios versos
(GALENO, ibdem: 31)

Dentre as muitas poesias que compõem sua obra máxima, podemos destacar as que evidenciam o tratamento de tipos populares perfilados com profunda sensibilidade e espontaneidade pela pena do poeta: “O Pobre Feliz”, “O Vaqueiro”, “O Velho Jangadeiro”, “A Filha do Pescador”, “O Escravo”. Este último, juntamente com “O Escravo Suicida”, “A Noite na Senzala” e “Abolição”, configuram bem o ideal abolicionista de Galeno dentro de um sistema profundamente racista e excludente, denotando os lugares sob os quais recaiam tons mais ásperos e críticos do poeta e que, de certa forma, ditaram suas denúncias relativas à opressão e ao abandono do “povo” por uma elite (urbana e rural) cada vez mais entregue aos luxos, ao preconceito e às práticas ilícitas e fraudulentas de controle e manipulação popular.

Uma caminhada por entre os escritos de Juvenal Galeno é elucidativa dos contrastes sociais com que lidava e a forma irônica e jocosa com que desconstruía ou (des)ornamentava os gostos daqueles que, de algum modo, fomentavam a contínua descaracterização dos seus tipos sociais construídos em miragens populares. Em um de seus poemas intitulado *O Luxo*, contido no livro *Folhetins de Silvanus* (GALENO, 1969 [1891]: 25 e 30), obra que reúne uma série de versos lançados em periódico e onde Juvenal já aparecia em uma fisionomia mais satírica, Galeno escreveu:

*O luxo, o luxo! Eis a lepra
Que lavra pela cidade
Com tamanha intensidade
Que mata ricos e pobres
Sem trégua, sem piedade!...*
(...)
*Falemos mais sério: - Oh! Luxo,
De quanto infortúnio és pai!
Muitas vêzes, que vilezas ...
Crimes até! ... nas torpezas
Se aquele penetra e vai ...*

O luxo, tão caro às elites arrogantes e corruptas, sendo estas mesmas sua representante ativa e, logo, a lepra que invadia e consumia a urbe, pesando sobre ritmos de vida e relações sociais e impactando os homens com seus crimes e infortúnios, encarnava toda mácula social trazida à tona pela distinção sócio-econômica, desigualdades e injustiças. Afetando a ricos e pobres, certamente não o fazia na mesma

direção: um homem do povo fosse vaqueiro, jangadeiro, pescador ou “escravo” era conspurcado em seu cotidiano, mais violentamente sugado em seu trabalho e impetuosamente diminuído em seus costumes. Em outra mão, os ricos morriam não fisicamente (como o pobre), mas pela submissão quase que completa ao capital (luxo), o que significaria dizer em sua própria desintegração moral.

Galeno desconfiava da profunda sabedoria do progresso, cujos meandros no final do século XIX se desenvolviam em vias de mão dupla: o desenvolvimento não era sinônimo de igualdade e participação popular, isto no olhar do autor gerava um total contraste com os parâmetros em que se embasava o avanço civilizatório pelo mundo, este sim dotado de valores que, uma vez aplicados na sociedade, deveriam romper com as práticas ilícitas e as imundícies do luxo que engoliam mais denotadamente o “povo”. Nesse termos, aclamar a chegada da civilização era, igualmente, ver solapadas as bases sociais que constituíam toda opressão popular e alimentavam sua ignorância.

*Bem vinda sejas, bem vinda,
Formosa Civ'lização!
Quanta tardança, senhora...
Mas, chegastes ao meu torrão!
Chegaste enfim! Viajando
Em vapor de terra ou mar
Ora nos fios elétricos
Ora em balões pelo ar (...)*

*Há que tempo te esperava
A minha pátria! ... Os jornais
Teu nome nunca largavam
Nos longos editoriais (...)*

*E eis-te enfim! E os teus alvares
Desapareceram negroses
Levando muitos horrores ...
Morre o resto ao teu clarão!
Que mudança surpreendente ...
Que imensa transformação!
Nas escolas ... de repente ...
Em toda parte instrução:*

De artes, ciências, indústrias
As flores juncando o chão;
E o astro da liberdade
Cintila sôbre a cidade,
A serra, a praia, o sertão!
(GALENO, *Ibidem*: 86 e 87)

A civilização aguardada por Galeno corria no sentido de transformações bruscas no *corpus* social, alimentando novos ares para a urbe e levando o poeta a crer numa alteração moral nas relações sociais. Claro que aqui existe latente toda uma ironia a dimensão do teor civilizatório, visto que fora senão a “civilização” que contribuía ou abrisse outras brechas de controle e submissão do povo. O que ressalta no poema acima, cujo título caracteriza a *persona* “civilização”, dotando-a de um artigo definido “A Civilização” que se remete a uma natureza feminina imbuída de clareza e liberdade, são as moradas dessas mesmas acepções.

A clareza e a liberdade a ser perseguida é, sem dúvida, a do povo até então imerso na ignorância e obscuridade devido à ausência de ensino e instrução, tão caros à civilização e tão distantes da população. As escolas como transformação de um cenário adverso e ambíguo, pelo qual o povo daria sentido às suas práticas e costumes. Os pobres seriam os sujeitos a serem atingidos por Juvenal, daí sua volta à defesa da cultura popular, travestindo-as em versos e canções dotados de folclorismo e romantismo, onde o imperativo era descortinar a vida desses indivíduos cada vez mais submersas nas nuvens nebulosas de contradições da civilização.

Nesse sentido, o engajamento do autor se dá por múltiplas causas, dentre elas: a abolição, a corrupção nas eleições e a inviabilidade da prática da cidadania, a ausência de oportunidades iguais para todos, os pesados tributos impostos ao povo e convertidos aos filhos do patronato, ou seja, as mazelas que desabilitam a moral da pátria e a formação de uma nação plena. Assim, o poema intitulado “A Instrução”, curiosamente trás como epígrafe um termo da constituição que diz “A instrução primária é gratuita a todos os cidadãos” e, a partir dele, o poeta reivindica em seus versos o cumprimento dos direitos prescritos legalmente, como no excerto abaixo

*(...) Daí ao povo, daí aos pobres
Embora parca instrução;
Não lhes negueis d'alma o gôzo,
Não lhes neguei d'alma o pão;
Real se torne a promessa
De nossa Constituição!
Nem ler ao menos do Evangelho as letras,
Doutrinas santas que a virtude geram,
O povo sabe! Nem sequer os pobres
O nome lêem que à ilustração tiveram!
Assim nas trevas – que destino ingrato!
Sombrios vícios na multidão imperam!*
(GALENO, op. Cit: 63)

Segundo João Clímaco Bezerra, em importante ensaio sobre o poeta

A sua poesia, simples, ingênua, mas profundamente social transformar-se-ia, paradoxalmente, em instrumento de agitação. E nos serões da pacata cidade de Fortaleza daquele tempo recitavam-se, ao lado da poesia revolucionária de Castro Alves, as estrofes de “O Escravo”, “A Abolição” e “O Abolicionista” (BEZERRA, 1959: 5)

O que nos parece relevante para pensar a produção literária de Galeno, em especial *Lendas e Canções Populares*, está na operação intelectual empreendida por um romantismo engajado de viés herderiano. Este, considerado pai das noções de nacionalismo, historicismo e do *volksgeist*, definiu a poesia como “*o tesouro da ciência do povo [...] A expressão de seu sentir, a imagem de seu interior na alegria, na tristeza, junto ao leito das núpcias, ou da sepultura*”, acepção esta norteadora do vasto projeto do poeta cearense de coleta de cantos, lendas, costumes, tradições, superstições no universo da cultura popular. Segundo Renato Almeida

No de Juvenal Galeno, o testemunho é vivo e perfeito. Não prejudicou os poemas com os modismos populares, ao revés, a sua forma é sempre escorreita e guarda o sainete do seu modo de ser. A sua poesia trescala perfume do mato, sem imitar contudo os acentos rudes da gente do povo; é uma dinamização em que os elementos se sublimam e não perdem nem a simplicidade nem o poder comunicativo. É um estado de alma particular,

uma forma sutil de poetar que corresponde a uma maneira peculiar de sentir. É todo um clima sentimental (ALMEIDA, 1970: s/n)

Herder, eminente filósofo alemão que influenciará bastante o romântico Goethe, contrariamente à *Aufklärung*, que produzia o conhecimento pelo povo através dos livros, observando esse mesmo povo como ser passivo e receptivo à moralização empregada pelo homem iluminado, tem seu pensamento caracterizado por dois elementos fundamentais: empirismo e sensibilidade. A partir daí, o filósofo atuou como folclorista ao se dedicar à coleta e tradução da tradição popular como formadora da tradição nacional. Herder ainda eleva seu sentimento a uma maior amplitude, tentando se identificar com o homem comum e compartilhar com ele suas experiências pessoais (WATT, 1996). Assim

Todos os regionalistas, todos os defensores do local contra o universal, todos os paladinos das formas de vida profundamente enraizadas, tanto os reacionários como os progressistas, os humanistas autênticos como os obscurantistas opostos ao avanço científico, consciente ou inconscientemente, devem algo às doutrinas que Herder introduziu no pensamento europeu (BERLIN, 1976, p.158)

A afirmação de Galeno “...conhecer o povo e com ele identificar-me” não é mera coincidência. O poeta cearense, embebido do pensamento herderiano e ao mesmo tempo influenciado pelo contato com o chefe da Seção de Etnografia da Comissão Científica de 1859, o poeta romântico Gonçalves Dias, que estudou etnografia na Amazônia, saiu pelas terras cearenses em busca de captar a cultura popular, suas lendas, mitos, cantos, cantigas, profecias, acompanhando o cotidiano do homem comum no lar, no trabalho e na vida política.

Primeiro poeta cearense a publicar seus versos, a obra de Juvenal Galeno causou, entre os críticos de sua época, polêmicas de várias ordens. Se, a nível local, alguns o colocam como marco inicial da literatura cearense (Sales, 1898; Seraine, 1965), no âmbito nacional algumas querelas se travam em torno de sua relevância para a literatura brasileira, sobretudo entre os críticos Araripe Jr. e Sílvio Romero, este último chegando a desconsiderar a obra do bardo cearense como de caráter folclorista, o que

torna no mínimo curiosa a análise empreendida por outros que vêem a obra de Juvenal Galeno como pioneira do folclore no Nordeste do Brasil (Alves, 1948).

Em seu conhecido “*Estudos Sobre a Poesia Popular do Brasil*”, na seção em que analisa os escritores que trataram da poesia popular, Sílvio Romero procura justificar em uma nota de rodapé o porquê de haver excluído Juvenal Galeno.

questionado Aproveito este lugar para dar conta de um fato: algumas pessoas me hão porque não tenho incluído nesta análise os escritos do Sr. Juvenal Galeno [...] é óbvio que não passam de composições literárias feitas sobre costumes populares (ROMERO, 1977: 105)

Discutir se Juvenal Galeno foi ou não um folclorista (pioneiro) requer, antes de qualquer coisa, que explicitemos o que entendemos por folclore e, para isso, ter bem claro um determinado conceito de folclore. Romero, a partir de sua crítica naturalista que conjugava positivismo, determinismo e evolucionismo, concebia o estudo da poesia popular sob os moldes do cientificismo e, portanto, o estudioso devia ser objetivo e reproduzir fielmente o resultado de sua coleta etnográfica dos cantos populares, apesar de assumir posteriormente que alterou alguns dos cantos por ele coletados (CÂNDIDO, 1988). O que ia frontalmente de encontro à perspectiva herderiana de Galeno, que implicava a aproximação e identificação com o “objeto”, no caso, o povo, além da operação literária efetuada sobre o material reunido, ampliando e recompondo a poesia popular, consoante ao seu projeto de retransmiti-la ao povo para doutriná-lo.

Câmara Cascudo (2001: 240 e 241), grande estudioso do Folclore Brasileiro, assim define o termo

É a cultura do popular, tornada normativa pela tradição [...] Não apenas conserva, depende e mantém os padrões do entendimento e da ação, mas remodela, refaz ou abandona elementos que se esvaziaram de motivos ou finalidades indispensáveis a determinadas sequências ou presença grupal [...] Qualquer objeto que projete interesse humano, além de sua finalidade imediata, material e lógica, é folclórico [...] O folclore estuda a solução popular na vida em sociedade [...] O folclore estuda todas as manifestações tradicionais na vida coletiva

A perspectiva de Câmara Cascudo, como vemos, se aproxima em algum grau do trabalho empreendido por Galeno, sobretudo na liberdade de re-criação, mas penso que

a definição de folclore não é de todo necessária para diagnosticar a produção poética de Galeno e classificá-la, afinal, a cultura popular

É uma categoria erudita [...] Um conceito que quer delimitar, caracterizar e nomear práticas que nunca são designadas pelos seus atores como pertencente à 'cultura popular' [conceito este] Produzido como uma categoria erudita destinada a circunscrever e descrever produções e condutas situadas fora da cultura erudita (CHARTIER, 1995: 179)

Penso que a obra de Juvenal se constitui de fundamental importância pelo seu engajamento e projeto pedagógico. Segundo Renato Almeida “*O romantismo encontrou no fabuloso do folclore uma atmosfera interminável de evasão*” (ALMEIDA, 1957: 275), porém, o romantismo e folclorismo de Galeno não se reduz à mera coleta das tradições populares a fim de captar o *volkgeist* da nação, mas, ao empreender a operação literária que mencionamos a pouco, o poeta procurou devolver ao povo seus valores refinados pela poesia a fim de educá-lo, libertá-lo e reabilitá-lo para resistir à opressão de que era vítima, dizendo com seu estilo, oscilante entre o erudito e o popular, o que o homem comum não saberia expressar (AZEVEDO, 1982).

Operação esta que, como vimos, foi cara a Juvenal Galeno, que será excluído dos cânones estabelecidos por aqueles empenhados em cientificizar o folclore, uma vez que o bardo cearense renunciou à objetividade de representar o povo fielmente ao reinventar seus cantos por sua própria poesia inspirada nessa cultura popular.

Para Florival Seraine, antes de *Lendas e Canções*, não havia nada na literatura cearense que exprimisse “*a nossa realidade local, que seja a demonstração sincera da existência de um povo que já trazia nas formas da sua cultura peculiaridades distintivas, como fruto de uma experiência histórica singularmente vivida*” (SERAINE, 1965: 286). Dessa forma, Galeno valorizava e expressava o que havia de singular na cultura do povo, portador do espírito da Nação, carregado de tradições e criações próprias delimitadas num espaço e tempo únicos, consoante à concepção romântica da cultura popular. De onde e em qual contexto adviria tal concepção? Façamos então uma breve explanação do pensamento romântico oitocentista que, do Velho Mundo, ancorou nas terras brasileiras em meados de oitocentos.

No decorrer do século XIX, tempo de profundas transformações sociais, políticas e econômicas na Europa, emerge uma nova sensibilidade nos homens frente a todo um fluxo de movimento contínuo onde, na célebre fórmula marxiana, *tudo que é sólido desmancha no ar*. Conseqüentemente, à sensibilidade se acompanha uma nova estética no campo da criação cultural: o Romantismo. Este, parte de uma tentativa de captar os efêmeros valores que se instauram e se dissipam em um tempo de revoluções, resultando em toda uma massa amorfa, também não pode ser reduzido a um mero movimento literário e artístico, mas sim, como bem observou Lowy, uma nova visão de mundo de cunho revolucionário ou conservador, mas de todo modo, crítica de seu tempo.

É justamente devido ao caráter próprio do romantismo, particularista, relativista, enfático em apreender as singularidades de um povo, de uma nação, de um espírito específico, que podemos entender como se configurou o pensamento romântico no Brasil, país desprovido de transformações profundas do modo como ocorria na Europa e que propiciou o surgimento do pensamento romântico no velho mundo (COUTINHO, 1975). Aqui, porém, deve-se ter cuidado ao falar em romantismo em terras brasileiras para não sermos levados a uma identificação integral com o pensamento europeu, “*de que constitui ramificação cheia de peculiaridades*” (CÂNDIDO, 2007). Aqui, bem como nos demais países recém-independentes, a fecundidade do romantismo se dará na medida em que se aliará ao nacionalismo, onde o escritor cultivará um senso de dever patriótico a partir da inserção da literatura num projeto construtivo mais amplo, como instrumento de engrandecimento da nação.

A presente pesquisa tem como fontes basilares as obras poéticas de Juvenal Galeno, sobretudo *Lendas e Canções Populares* (1865) e *Folhetins de Silvanus* (1891). Nelas pude perceber, através de sua criação literária, os principais aspectos que configuram seu pensamento político e social, bem como o projeto pedagógico para a reabilitação e construção da Nação. Seus poemas tratam de tipos populares (vaqueiro, escravo, o pobre...), e denotam como o poeta aborda tais sujeitos a partir de seu viés romântico e seu “método folclórico”, valorizando o cotidiano sofrido e prosaico do homem comum, em “simbiose” com seu meio (sertão, serra e litoral).

Ainda nesse sentido, a discussão é enriquecida pelo trabalho com outros tipos de fontes documentais, como almanques (IC; BPMP) e periódicos (revistas literárias e científicas e jornais), onde pude encontrar diversas poesias esparsas que tratam dos mais diversos aspectos da esfera da cultura popular.

Para além da produção literária de Galeno, ainda investigo sua trajetória e relação com os mais diversos movimentos e instituições que permearam a vida intelectual do Ceará oitocentista, tais como a Padaria Espiritual, o Centro Literário e o Instituto Histórico do Ceará. Com isso, acredito investigo não apenas seu engajamento nos versos, mas também sua contribuição para a história das idéias no Ceará, onde o Estado, que ainda era província, começava a ensaiar uma literatura local e uma interpretação do social por homens impregnados dos ideais positivistas e evolucionistas, advindos do pensamento cientificista europeu.

O debate da crítica de homens de letras contemporâneos de Galeno tem tido extrema relevância, na medida em que é revelador das impressões que a literatura do poeta causou no meio intelectual. Questões como o seu pioneirismo nos estudos folclóricos do Nordeste, ou marco fundador da Literatura Cearense, estão sempre em pauta em folhetos, revistas e obras de crítica literária, apontando para um debate nacional entre autores como Sílvio Romero e Araripe Jr.

Por fim, a própria Casa de Juvenal Galeno torna-se o local de pesquisa por excelência. Criada em 1919, nela pode-se encontrar a reunião de seu acervo particular, que indicam suas leituras e referenciais para empreender sua obra.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Renato. *Inteligência do Folclore*. Rio: 1957.

_____. Juvenal Galeno e a sua fidelidade à poesia. In: *Cadernos Henriqueta Galeno*. Fortaleza, Ceará: Editora Henriqueta Galeno, 1970.

AZEVEDO, Rafael Sânzio. *Aspectos da Literatura Cearense*. Fortaleza: Edições UFC/Academia Cearense de Letras, 1982.

AZEVEDO, Rafael Sânzio de. *Novos Ensaios de Literatura Cearense*. Fortaleza: UFC - Coleção Alagadiço Novo, 1992.

BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1948.

BENEVIDES, Eduardo. *Evolução da Poesia e do Romance Cearenses*. Fortaleza: Edições UFC, 1976.

BERLIN, Isaiah. *Vico e Herder*. Brasília: UnB, 1976.

BÓIA, Wilson. *Ao Redor de Juvenal Galeno*. Fortaleza: Edições Ioce, 1986.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2007.

_____. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2008.

_____. *O Método Crítico de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CASCUDO, Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2000.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.3, n.5 1990.

_____. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. *Bibliografia Cearense. Séculos XIX e XX*. 1º vol. (1825-1930). Fortaleza: ABC Editora, 2001.

JOBIM, José Luís (org.). *Introdução ao Romantismo*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1999.

LINHARES, Mário. *História Literária do Ceará*. Rio de Janeiro, 1948.

MONTENEGRO, Abelardo. *Alguns aspectos do romance cearense*. Fortaleza, Ed Batista Fontenele, 1953.

_____. *O Romance Cearense*. Fortaleza, 1943.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Cultura é patrimônio*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

ORTIZ, Renato. *Românticos e Folcloristas; cultura popular*. Rio de Janeiro: Olho D'Água, 1992.

- ROMERO, Sílvio. *Estudos Sobre a Poesia Popular do Brasil*. RJ: Vozes, 1977
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é a Literatura?* São Paulo: Ática, 1993.
- _____. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, 1973.
- VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- WATT, Ian. *Mitos do Individualismo Moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.